

## Formalidade e criatividade na prática pedagógica

Cipriano Carlos Luckesi<sup>1</sup>

Artigo publicado na Revista ABC EDUCATIO, nº 48, agosto de 2005, páginas 28 e 29.

Don Juan, índio Yaqui, mestre de Carlos Castañeda, diz, no livro *Erva do diabo*, que “um caminho sem coração não é caminho”. E o professor Darci Ribeiro dizia, metaforicamente, que “uma boa escola se faz com uma boa professora”. Penso que ambas as afirmações dizem a mesma coisa. De fato, parece que a vida segue um curso desejado, caso coloquemos o nosso coração naquilo que nós fazemos.

Recentemente, eu ouvia uma avó perguntando ao seu neto pela nova escola, na qual estava estudando, na medida em que concluíra quarta série e ingressara na quinta em outra instituição do Ensino Fundamental. A criança assim respondeu à avó: “Minha avó, na outra escola, as professoras ensinavam para eu aprender; nesta, os professores dão tarefas para a gente estudar e, depois, fazem testes para a gente tirar pontos...” Uma criança, prestando atenção a sua experiência escolar, facilmente distingue entre uma escola, que é presidida pela criatividade, de outra, que o é pela formalidade no ensino e na aprendizagem, mas nós educadores e educadoras, em muitas vezes, não conseguimos distinguir essas possibilidades nem levar a sério essa distinção. A mim me parece, que isso ocorre devido nosso coração não estar comprometido com nosso caminho de ensinar, para que efetivamente o educando aprenda. Ensinamos. E pronto!

Estar com o coração na prática pedagógica significa investir no educando, para que ele aprenda e, em função de aprender, se desenvolva. Certamente que as condições de ensino que temos em nosso país não são satisfatoriamente adequadas. Temos espaços físicos inadequados, materiais didáticos insatisfatórios, baixos salários e, possivelmente, muitas outras queixas, sem sombra de dúvidas, significativas, compondo a lista dos aspectos negativos que dificultam o exercício docente. Porém, a fixação de nossa atenção nos problemas não nos permite olhar para soluções. Na medida em que permaneçamos voltados

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia --- [luckesi@terra.com.br](mailto:luckesi@terra.com.br).

exclusivamente para os impasses, não temos possibilidades de ver soluções à frente. Não estamos voltados para elas. É fato que temos imensos problemas, mas nosso aprisionamento neles inviabiliza nosso olhar e a nossa busca de soluções.

Nesse contexto, penso que, apesar dos múltiplos e magnos problemas que dificultam nossas ações numa prática pedagógica saudável, necessitamos de nos abrir para a busca de soluções que viabilizem uma prática de ensino que seja atrativa para as crianças, jovens e adultos com os quais trabalhamos. No que se refere aos problemas, basta um diagnóstico para saber que eles existem e entram nossa ação; não vale a pena ficarmos presos a eles. Certamente que não temos, de imediato, nenhuma possibilidade de mudar as políticas públicas para a educação, assim como as condições materiais de ensino, tais como baixos salários, espaços físicos inadequados, entre outros. Essas são reivindicações que exigem ações nossas no âmbito da sociedade civil organizada, como sindicatos, partidos políticos, comunidades de base. Todavia, na nossa sala de aula, podemos colocar nossa atenção e nosso coração naquilo que praticamos, tais como no desejo de que eles aprendam, na criação ou recriação de atividades que possibilitem, no processo prazeroso e criativo de aprendizagem, na relação com os educandos, que, por conseqüência, possibilitam o desenvolvimento.

Desejamos nossos educandos desenvolvidos, mas nem sempre cuidamos deles o suficiente para que desenvolvam. Nem sempre os nutrimos suficientemente bem para que se desenvolvam e, por isso, se tornem cidadãos dignos de si mesmos na convivência consigo e com os outros.

Penso que o educador e a educadora, que colocam o coração no seu caminho, saberão, com certeza, encontrar meios pelos quais os educandos aprenderão e, por isso mesmo, se desenvolverão. Essa postura pode ser representada pela diferença entre as parábolas do semeador e do jardineiro.

A parábola do semeador diz que o semeador saiu a semear as suas sementes. Parte delas caiu à beira da estrada, vieram os passarinhos e comeram-nas, não permitindo que germinassem, crescessem e, conseqüentemente, dessem frutos. Parte delas caiu em terreno pedregoso, germinaram, mas não sobreviveram, pois que veio o sol escaldante e as plantinhas feneceram. Uma terceira parte caiu no terreno espinhoso, germinaram, mas as plantinhas não cresceram; foram abafadas pelos espinhos e morreram. E somente a quarta parte das

sementes, que caiu na terra fértil, foi produtiva. As sementes germinaram, cresceram e deram bons frutos. Míseros 25% de bons frutos!

A parábola do jardineiro traz uma visão alterada dessa mesma parábola. Ela diz que um jardineiro saiu a semear suas sementes. Preparou o terreno à beira da estrada, semeou as sementes e, sabendo que pássaros viriam e as comeriam, criou armadilhas e espantalhos, de tal forma que os passarinhos não chegaram e, por isso, houve a germinação e as plantinhas, com a ajuda e cuidado do jardineiro, cresceram e deram frutos. No terreno pedregoso, antes de fazer sua semeadura, o jardineiro teve o cuidado de acrescentar terra nova e fértil e, somente sobre ela, lançou suas sementes, que germinaram, cresceram e produziram frutos. O terreno espinhoso, inadequado para o plantio, recebeu os cuidados do jardineiro, antes da semeadura. Os espinhos foram cortados, o terreno limpo e preparado para receber as sementes. E, então, elas germinaram, cresceram e produziram frutos. E, por último, uma parte das sementes foi semeada em terra fértil. Após preparar o terreno, o jardineiro lançou suas sementes, que germinaram, cresceram e produziram frutos. As sementes do jardineiro produziram frutos, se não 100%, ao menos em quantidade próxima deles!

A diferença entre o semeador e o jardineiro é que o primeiro lança as sementes e espera que produzam frutos, porém, o segundo, diferentemente, cuida para que as sementes germinem, cresçam e produzam frutos. Os frutos não vem somente devido as sementes terem sido lançadas à terra, mas dos cuidados na preparação do terreno e sua fertilização, no acompanhamento e proteção das plantinhas, assim como na sua alimentação pelos adubos aplicados, e na sua umidificação diária com água fresca. Uma coisa é lançar as sementes e esperar pelos frutos, outra coisa, completamente diferente, é cuidar para que elas nasçam, cresçam e produzam frutos.

O caminho pedagógico que “tem coração” é o do jardineiro. É o caminho daquele que investe diariamente nos educandos, tanto desejando que aprendam, como cuidando para que aprendam. Isso significa muitíssimo mais do que “tirar notas”. Tirar notas todos tiram, o que nem sempre acontece é que aprendam de forma significativa, através de conteúdos significativos, de atividades significativas, de cuidados significativos. E é isso que faz a diferença entre, de um lado, somente semear as sementes e, de outro, semear e cuidar das sementes e das plantas.

Todos os dias, como educadores e educadoras, “damos aulas”, lançamos conteúdos, porém isso nem sempre (ou quase nunca) é suficiente para que nossos educandos efetivamente aprendam e saibam servir-se desses conhecimentos para a compreensão e condução de suas vidas. Por vezes (talvez, na maior parte das vezes), as “sementes”, que lançamos para nossos estudantes, somente servirão, de fato, para “tirar pontos”, como dizia o neto para a avó, no relato citado acima.

Existirão educadores e educadoras que exercem o papel de semeadores? Com certeza! Contudo, por outro lado, neste nosso imenso país, tanto em cidades grandes como em cidades pequenas ou nos mais variados rincões de nosso espaço geográfico, existirão educadores e educadoras que colocam o “coração no seu caminho” e, então, cotidianamente, amorosamente, dedicadamente, olham para seus educandos como seres que necessitam de ser cuidados. E, assim cuidam deles e, por isso, aprendem. David Boadella, um terapeuta e educador inglês, diz que a receptividade viva do outro ser humano é o espaço onde cada um de nós encontra as condições de nossa autocura e de nossa autoregeneração, ou seja, esse é o espaço onde cada um de nós encontra a possibilidade do próprio crescimento. Essa é outra versão da afirmação de Darci Ribeiro: uma boa escola se faz com uma boa professora! Todos nós necessitamos da receptividade viva do outro ser humano não só para aprender, mas até mesmo para viver. A receptividade viva é a possibilidade de acolher o educando como ele é, com o seu saber, com as suas fragilidades, mas também com suas riquezas; e, a partir daí, navegar com ele. Para onde quer que se vá. Esse, a meu ver, é o caminho que tem coração na prática pedagógica.

O que isso tem a ver com formalidade e criatividade na prática pedagógica? Nossa prática em sala de aula tem se pautado mais pela formalidade que pela criatividade tanto no ensinar como no aprender. Nós herdamos a formalidade da nossa recente história da educação. Nos últimos quatrocentos anos, tem-se centrado atenção predominantemente no aspecto cognitivo conceitual do conhecimento, muitas vezes reduzindo o ensino e a aprendizagem à apropriação de súmulas de informações. E deste modo, descuidando do ensino e da aprendizagem do uso adequado e criativo da capacidade de conhecer, centrando atenção na formalidade ou nas formalidades do conhecimento. Isso significa que, muitas vezes, interessa que o educando seja capaz de tão somente repetir informações, mesmo que

não as compreenda e nem saiba o que fazer com elas. O que, efetivamente, torna as atividades escolares enfadonhas para crianças, adolescentes e adultos.

Vou relembrar uma experiência pessoal, que deve ser semelhante à de muitos que estão lendo este texto. Quando criança, aprendi transformar um número misto numa fração imprópria. Quem não terá aprendido isso? Número misto é aquele formado por um inteiro mais uma fração, tal como  $2\frac{3}{8}$ . Minhas professoras e meus professores ensinaram-me da seguinte forma: multiplica-se o número inteiro pelo denominador da fração ( $2 \times 8$ ), ao resultado soma-se o numerador da fração ( $16+3$ ), o resultado constitui o numerador da nova fração e repete-se o denominador ( $19/8$ ). Será que os leitores deste texto não aprenderam assim? Pois bem, esse é um macete mecânico para proceder à transformação de um número misto numa fração imprópria. Ele facilita a vida do estudante, mas, com isso, não aprende nada do conteúdo “fração” em matemática. O estudante poderá repetir essa fórmula às centenas, mas não aprenderá nada, pois que não compreende nem precisa compreender o que está fazendo. Basta aplicar a fórmula mecanicamente. Exemplos como esse poderão ser repetidos às miríades em todas as disciplinas escolares. Para que servem essas “informações”? Para nada, ou melhor, somente para “tirar pontos” na escola, o que significa que não servem para aprender e se desenvolver. Não devemos nos esquecer, aqui, dos conteúdos éticos que também são ensinados dessa mesma forma, como regras formais “certas” de como agir. Sentimentos? Nenhum. Para quê? Por isso, estudantes e formados nos estudos acadêmicos não aprendem a usar os conteúdos aprendidos em suas vidas. Eles são eras formalidades, que, repetidos, garantem boas notas.

Por outro lado, criatividade tem a ver com a possibilidade do olho brilhar diante da compreensão de alguma coisa nova sobre a qual somente tínhamos ignorância, desconhecíamos. Criatividade tem a ver com o prazer de aprender, de entender, de buscar, de saber fazer, de construir, de conseguir dar conta de alguma coisa que nos desafia ou que desafia nossos educandos. Educadores e educadoras que rompem com a formalidade na prática pedagógica são aqueles que colocam “coração” no caminho pedagógico e insistem, inventam e reinventam possibilidades para que os seus educandos aprendam, porque, para desenvolver-se, importa que aprendam significativamente sobre tudo o que se passa diante de seus olhos. Muitas vezes, isso parece ser difícil, mas se o coração estiver lá, tudo se torna

---

Este material foi obtido através do website de Cipriano Carlos Luckesi

fácil; inventa-se e flui. Se nosso caminho “tiver coração”, ele guiará nossa ação, que será via eficaz, nada formal.